

ESTADOS UNIDOS / Vídeos mostram a vítima, uma cidadã norte-americana, manobrando um carro para evitar abordagem do ICE. Governo Trump chama ato da mulher de "terrorismo doméstico". Alegação é duramente criticada

Getty Images via AFP



Flores são colocadas no lugar em que a mulher foi morta

Getty Images via AFP



Ataque a tiros dos agentes federais gerou protesto imediato

AFP



Manifestante agredido na cabeça é atendido por paramédico

Agentes de imigração matam mulher

Uma mulher de 37 anos foi morta a tiros por um agente de imigração durante uma operação do Serviço de Imigração e Controle de Aduanas dos Estados Unidos (ICE) na cidade de Minneapolis, no estado de Minnesota, ontem. O caso ocorre em meio a mais uma operação anti-imigração ilegal ordenada pelo governo do presidente Donald Trump. A chefe do Departamento de Segurança Interna (DHS, na sigla em inglês), Kristi Noem, defendeu a conduta dos agentes do ICE e afirmou que a vítima, uma cidadã norte-americana, usou o carro como uma arma, no que seria um "ato de terrorismo doméstico". A versão foi imediatamente contestada por testemunhas, e chamada de mentirosa por autoridades de Minnesota.

De acordo com comunicado oficial do DHS, agentes do ICE realizavam "operações seletivas" quando foram cercados por manifestantes. Segundo essa versão, uma mulher teria transformado seu carro em "uma arma". "Uma dessas manifestantes violentas usou seu veículo como arma, tentando atropelar os policiais com o objetivo de matá-los — um ato de terrorismo doméstico", diz a publicação na conta oficial do departamento na rede social X.

"Um agente do ICE, temendo por sua vida, a de seus companheiros e a segurança da população, atirou em legítima defesa", afirma a nota. A mulher foi atingida, socorrida e morreu posteriormente. Conforme o DHS, o ocorrido "é a consequência direta dos constantes ataques e da demonização de nossos agentes por políticos que defendem

ciudades-santuário, os quais alimentam e incentivam agressões desenfreadas contra nossos policiais, que enfrentam um aumento de 1.300% nas agressões e de 8.000% nas ameaças de morte." Ainda de acordo com a nota, o caso "é uma situação em constante evolução e forneceremos mais informações ao público assim que estiverem disponíveis."

"Grande mentira"

A versão do governo federal foi duramente contestada por autoridades locais. O prefeito de Minneapolis, Jacob Frey, classificou o caso como "uma grande mentira" a alegação de que o agente agiu em legítima defesa. "Eles estão semeando o caos em nossas ruas e, neste caso, literalmente matando pessoas", afirmou Frey em coletiva, acrescentando que se tratou de "uso imprudente do poder". O prefeito ainda disse que a instituição deveria trazer paz para a cidade, mas provoca o contrário, e agora "uma pessoa está morta".

"A presença de agentes federais de imigração está causando caos em nossa cidade. Exigimos que o ICE deixe a cidade imediatamente. Defendemos integralmente nossas comunidades de imigrantes e refugiados", disse Frey em sua conta oficial no X.

O governador de Minnesota, Tim Walz, afirmou na mesma rede que equipes estaduais estão reunindo informações sobre o caso e pediu calma à população. "Eu vi o vídeo. Não acreditem nessa máquina de propaganda. O Estado garantirá uma investigação completa, justa e célere para assegurar a responsabilização e a justiça", publicou o político, se referindo às imagens do ocorrido.

Stephen Maturen/AFP



Carro da cidadã morta por agentes do ICE. Segurança Interna alega que ela tentou atropelar oficiais; prefeito chama de "grande mentira"

"Canalha"

Após as declarações, a Casa Branca chamou o prefeito de Minneapolis de "canalha" por comentários feitos após o tiroteio, nos quais ele acusou o ICE de "causar caos e desconfiança". As autoridades americanas afirmam ainda que cerca de dois mil agentes foram enviados a Minneapolis e arredores para realizar operações

de imigração, em parte como resposta a denúncias de fraude contra alguns residentes somalis.

Imagens que circulam nas redes sociais mostram agentes se aproximando de um veículo em movimento, que se afasta logo após os disparos. Em seguida, o carro colide com outro automóvel estacionado.

Nas proximidades do local, agentes do ICE usaram spray de pimenta e

empurraram manifestantes, revelam imagens transmitidas pela afiliada local da CBS, WCCO. "Não há a menor possibilidade de que essa pessoa merecesse ser morta, seja lá o que tenha feito", disse uma testemunha ao repórter da emissora local.

Neste segundo mandato, Trump tem priorizado o combate à imigração ilegal e investido na expulsão de imigrantes indocumentados, além de ter endurecido as condições para

entrada nos Estados Unidos e obtenção de vistos. Ainda durante a campanha eleitoral, o magnata comprou imigrantes sem documentos a "animais", frequentemente associando-os, sem provas, a comportamentos criminosos. O ICE, que os opositores acusam de se transformar em uma força paramilitar sob o governo Trump, tem a tarefa de deportar um número sem precedentes de imigrantes indocumentados.

TENSÃO CRESCENTE

Europa tenta saber o que fazer caso EUA tomem a Groenlândia

Países europeus estão tentando construir planos para reagir a uma eventual ocupação militar da Groenlândia pelos Estados Unidos. A França lidera as conversas nos bastidores, que já contam com a adesão da Alemanha. Ontem, os chanceleres francês, alemão e polonês se reuniram, em Paris, para discutir a tensão sobre a ilha no Ártico. Ainda não há, porém, nenhuma informação sobre a estratégia em análise para contornar a situação.

Depois de um dia em que fez questão de aventar a possibilidade de agir militarmente para tomar a ilha, território autônomo ligado à Dinamarca, a Casa Branca optou ontem por amenizar o tom. Embora não tenha recuado e descartado o uso das Forças Armadas, o governo dos EUA resolveu divulgar que sua equipe de segurança nacional avaliava "ativamente" a possibilidade de fazer uma oferta de compra do território.

A conversa dos líderes europeus sobre a Groenlândia ocorreu nos bastidores de um encontro na França em que o tema era a segurança do continente, com ênfase na guerra na Ucrânia. Com a recente ofensiva militar norte-americana na Venezuela, porém, e o aumento da pressão da Casa Branca sobre o território no Ártico, o foco da cúpula acabou virando para as ameaças de Trump à soberania groenlandesa.

Uma fonte da alta cúpula do

governo da Alemanha confirmou, à agência Reuters, que Berlim está trabalhando em conjunto com os países europeus e com a Dinamarca, especificamente, para cooperação sobre os próximos passos quanto à ilha.

O ministro da Defesa da Bélgica, Theo Francken, disse estar convencido de que, nos próximos dias, serão tomadas iniciativas, "nos bastidores ou publicamente", para "sair dessa situação". Já Emmanuel Macron, presidente da França, disse que é "inimaginável" que os Estados Unidos "se coloquem em uma situação de violar a soberania dinamarquesa".

Também ontem, o secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio, confirmou que se reunirá na semana que vem com representantes da Dinamarca para falarem sobre a questão groenlandesa. Desde terça-feira e também ontem ao longo do dia, a primeira-ministra dinamarquesa e o líder da Groenlândia cobravam publicamente uma reunião "urgente" com Rubio. Até agora, no entanto, não há confirmação da presença de representantes da ilha nesse encontro.

Integração europeia

As respostas dos países europeus às ameaças de Trump têm se intensificado à medida em que a Casa Branca aumenta seu tom de ameaça sobre uma eventual anexação da Groenlândia. Mesmo após

AFP



Avião durante visita do filho do então presidente eleito dos EUA à Groenlândia, em janeiro de 2025

Marco Rubio dizer que os EUA querem "comprar" o território, a porta-voz, Karoline Leavitt, manteve em aberto a possibilidade de uma ação militar. Segundo ela, "o uso do Exército americano é sempre uma opção à disposição do comandante-em-chefe".

As posições de Washington têm oscilado. Ontem, por exemplo, o chanceler da França, Jean-Noël

Barrot, disse ter conversado por telefone com Rubio e ter ouvido do secretário de Estado dos EUA que não há possibilidades de invasão ou de alguma operação militarizada contra a ilha no Ártico.

Otan pressionada

Em meio às reuniões europeias para definir um plano de reação

para uma eventual ofensiva militar estadunidense, a Otan, aliança de defesa europeia integrada pelos Estados Unidos, tem se mantido distante das negociações de resposta a Trump. Embora as negociações envolvam nações integrantes da aliança, o grupo ainda não se manifestou oficialmente sobre uma possível ação conjunta contra Trump.



Queremos agir, mas queremos fazê-lo junto com nossos parceiros europeus"

Jean-Noël Barrot,
ministro das Relações Exteriores da França

Segundo a agência de notícias AFP, uma fonte da Otan afirmou que a aliança ainda não vai debater oficialmente o tema, pois isso poderia causar "divisões". E acrescentou que os aliados tratam apenas de "ameaças militares externas, e não de problemas internos entre os países do bloco". As regras da Otan preveem que a aliança defenda um país-membro que tiver seu território atacado.

Se a Casa Branca agredir a ilha, formalmente um espaço dinamarquês, haveria um paradoxo dentro da aliança, com seu mais poderoso membro atacando a soberania de outro. O secretário-geral da Otan, Mark Rutte, tentou colocar "panos quentes" na situação, dizendo que, para ele, é "impensável" um ataque militar norte-americano.